

Iluminação

Quem é esse novo profissional de iluminação e qual o perfil sustentado pelo mercado

O que mudou no mercado para o iluminador foi, sobretudo, a velocidade com que a tecnologia avançou nos últimos anos. Técnico sem atualização é técnico sem trabalho.

Karyne Lins

karynelins@backstage.com.br

colaborou: Danielli Marinho

De acordo com uma expressão usada pelos iluminadores, hoje não adianta ser só ‘na graxa’. Ou seja, ter apenas prática. Conhecimentos técnicos e artísticos devem caminhar juntos para quem quiser ocupar um espaço de destaque no mercado de iluminação. Isso vale tanto para empresas como para profissionais autônomos. No caso dos profissionais, há ainda outras duas exigências: entender e representar o pensamento da empresa diante dos clientes e criar um projeto de luz que atenda às necessidades de quem contrata, como o desenvolvimento de uma linguagem mais simples, que permita que os clientes se entrem com a equipe de técnicos e entendam os seus termos.

Como o mercado de iluminação abrange diversas áreas distintas como show, TV, gravação de DVDs, eventos de diversas finalidades, dança, teatro, arquitetura, etc, o iluminador também deve estar preparado para lidar com situações distintas. É nessa hora que um profissional com habilidade para resolver questões tanto técnicas

quanto estéticas, que contribua com idéias e soluções para que o resultado final seja o melhor possível, que tenha um bom relacionamento, fale inglês e cumpra os prazos e metas financeiras será bem-vindo.

Empresas e clientes

Carlos Bento Bandarra, sócio da B&B

Iluminação (RS) – que atua na área de consultoria, treinamento e educação em iluminação cênica –, aponta dois principais perfis de empresas: aquelas que prestam serviços casados de sonorização e iluminação e procuram profissionais com mobilidade em várias áreas; e (em minoria) empresas de iluminação que optam por profissionais para gerência. Em ambos os casos a preferência é para quem se adapte à informalidade do mercado.

Para Beto Bruel, proprietário da Tamanduá Iluminação, de Curitiba (PR), não existe mais cliente fiel. “Hoje, se você não passar o que ele quer saber em 15 minutos, ele vai atrás de outro”. Atentar para a mudança no relacionamento de empresas e clientes deve fazer parte do perfil desse novo profissional, pois ele é uma espécie de relações-públicas da empresa. “Se ele tratar mal o cliente, você perdeu de vez para o concorrente”, ressalta.



Fotos: Divulgação

Qualificação

O aprendizado do iluminador no Brasil vem primeiro por meio da prática e, depois, a necessidade o faz estudar mais a teoria, afinal de contas, saber fazer para saber exigir é fundamental nos dias de hoje. Ter uma base de eletrotécnica, dominar as mesas de luz, desenhar uma planta bai-

xa e uma planta de corte (de preferência no computador), ter bom gosto com cores e formas e ainda entender a estética proposta no novo espetáculo são indícios de um profissional com a qualificação que o mercado espera.

Djalma Amaral, iluminador de Paulinho da Viola, Arlindo Cruz e Wagner Tiso e professor substituto na UniRio, acha que a questão da sensibilidade se perdeu com a tecnologia. Ele observa, que existe uma necessidade da volta dessa sensibilidade para trabalhar com a luz hoje.

O que acontece especificamente no cenário de Curitiba, para Luiz Nobre,



diretor da Confraria da Luz (PR) e presidente da ABrIC (Associação Brasileira de Iluminação Cênica), é a necessidade de uma qualificação profissional em termos de responsabilidade técnica. “É imprescindível que a nossa cate-

perigoso”, alertou.

A Fila Luz Iluminação de Manaus foi inaugurada no ano de 1987 por Diógenes ‘Batata’, em uma época que não existia mercado para esse segmento na região. Como diretor técnico do Teatro

goria se qualifique a ponto de responder por danos que acontecem em espetáculos. Se um refletor é mal colocado e cai, por exemplo, ninguém responde nada! Se o engenheiro fizer um cálculo errado ou o médico errar o diagnóstico eles respondem processo. Quando não há essa responsabilidade na profissão, qualquer um quer entrar. Isso é



Foto: Maria Teresa / Divulgação

Acima, dois projetos do lighting designer Osvaldo Perrenoud



Foto: Tânia Minossi / Divulgação

Amazonas, acompanhou o crescimento de Manaus em termos culturais. Hoje, já há muitas casas de eventos que se profissionalizaram e precisam de profissionais, sendo que a maioria começou pela prática dentro da própria Fila Luz. “Acredito que o mais importante aqui na região, para quem está se profissionalizando, é o intercâmbio entre nosso pessoal com os iluminadores de grandes nomes da música que vêm para a cidade, como Marina Lima, Titãs, Paralamas do Sucesso, Elba Ramalho, Gal Costa, Maria Betânia, entre outros que a empresa já atendeu”, disse Batata.

O que dizem desse novo profissional de iluminação

“Acredito que além dos conhecimentos específicos da área e da prática em iluminação, o profissional deve ter uma certa curiosidade, um interesse em aprender novas tecnologias, assim como em ampliar sua cultura visual. Procuro por profissionais que tenham uma certa especialização em determinados campos: rigger, moving light, eletrônica digital, consoles novas, dimmers, energia e geradores”, disse Marcos Olívio, lighting designer há 30 anos e diretor da Spectrum Design e Iluminação Ltda (SP).

Marcos Olívio lembra que os critérios de seleção de funcionários e/ou técnicos free

lance para trabalharem em uma empresa não podem ser comparados com os critérios de 15 ou 20 anos atrás. Um dos motivos é porque o equipamento de hoje é muito diferente e a eletrônica e a linguagem digital estão totalmente incorporadas ao cotidiano da empresa. O profissional com maior conhecimento desta linguagem e maior capacidade de trazer esta experiência para

O mais importante aqui na região é o intercâmbio entre nosso pessoal com os iluminadores de grandes nomes da música que vêm para a cidade

a realidade dos trabalhos é aquele que as empresas vão procurar. “Há uma dificuldade instalada na parte de renovação dos quadros técnicos por falta de escolas e outras formas de aprendizado. Então, vale muito a experiência objetiva em campo, mas o conhecimento técnico de um candidato não é o bastante se ele não estiver habilitado e disposto ao trabalho pesado. De

uma forma mais objetiva, poderia apontar como critério de capacitação para a contratação conhecimento de eletricidade e força de trabalho. Os demais conhecimentos são minimizados. Outro critério que passa a ser considerado para contratação é o nível de educação básica, lastro para o bom comportamento com os clientes”, acredita Carlos Bandarra.

Luiz Nobre comenta que as empresas absorvem todo tipo de equipamento novo e para prestar serviço para locadoras com tecnologia de ponta não pode ser só mais um iluminador, deve pensar e entender conceitos de cenografia, lighting designer, luz arquitetural, show business, ballet, teatro, etc. “Posso dizer que, na minha opinião, o teatro ainda é a melhor escola, pois permite dominar todas as linguagens dessa profissão. O teatro exige que você leia os roteiros, participe dos ensaios, saiba o conceito de cada cor dentro da proposta do espetáculo, tudo relativo a iluminação está dentro de um contexto”, diz Luiz Nobre.

Batata espera que a sensibilidade e o gosto pela profissão sejam quesitos básicos para trabalhar em sua empresa. “O iluminador precisa ter conhecimento das várias linguagens artísticas e de equipamentos, o resto ele vai desenvolver na prática e a nossa região já tem bastante campo para ele aprender”.

Fotos: Divulgação



Beto Bruel no depósito da Tamanduá Iluminação

Luis Carlos 'Bimbão' é lighting designer há 30 anos e concorda que o mercado espera uma constante atualização de quem trabalha com luz às novas tecnologias e também uma integração maior entre luz e cenário, como no caso dos Leds e dos projetores multimídia.

Transição do analógico para o digital

Essa etapa na carreira do profissional de iluminação é uma questão ainda bem presente. Carlos Bandarra comenta que alguns profissionais mais antigos continuam com uma certa resistência ao digital. No entanto, os profissionais mais jovens têm facilidade com os procedimentos técnicos, mas apresentam a mesma resistência em relação às bases sólidas da formação técnica. No meio desse cenário estão os bons profissionais que absorvem as novas tecnologias com seriedade e servem de exemplo para o restante.

Vicente Vitale, diretor da Novalite Iluminação (RJ), observou que essa resistência realmente existe entre os mais antigos. "A grande maioria dos técnicos se adaptou muito bem a essa transição do analógico para o digital, porém, alguns mais veteranos relutam em se atualizar".

"Em nossa empresa, especificamente, tentamos treinar o profissional, mostrando sempre a necessidade do crescimento e as facilidades que a tecnologia digital traz. A cada semana chamamos um free lance ou funcionário para uma revisão geral dos moving lights, Leds ou mesas,



Perrenoud: conhecimento e prática são essenciais

fazendo com que todos participem deste processo, o que torna esta transição mais fácil", explicou Marcos Olívio.

Mudanças na profissão nos últimos 20 anos

Segundo os diretores das empresas de iluminação entrevistados pela Backstage, nos últimos 15 anos houve uma grande abertura para o mercado de equipamentos e hoje o Brasil dispõe de uma enorme quantidade e variedade de ferramentas. Em relação às novas tecnologias digitais, a

Tentamos treinar o profissional, mostrando sempre a necessidade do crescimento e as facilidades que a tecnologia digital traz

entrada maciça dos equipamentos digitais e o DMX 512 como protocolo Standard e noções de informática são fatores centrais da diferença na capacitação. Paulo César Medeiros, sócio-proprietário da Art Light (RJ), lembrou que uma mudança explícita na profissão é que antes poucas pessoas se importavam com a existência desta profissão. Hoje, ela é uma das profissões do futuro e isso muda tudo.

Quanto às exigências no currículo, em termos de conhecimento e prática, Osvaldo Perrenoud, lighting designer e diretor de fotografia no mercado de iluminação desde 1979, disse que é uma questão muito delicada. "Quando comecei, não me foi exigido nada a não ser vontade de trabalhar na área e para os que estão começando hoje acontece o mesmo. Para iluminadores em ação, o que interessa é o portfólio; o que fomos capazes de realizar nos habilita a realizar novos trabalhos", opina.

A empresa e o free lance

Beto Bruel lembrou que quase todas as empresas das capitais só tem funcionários fixos nas partes administrativas e operacionais internas. O pessoal que efetivamente atende ao mercado é free lance. Segundo opinião de Carlos Bandarra, o relacionamento desse pessoal com as empresas é pouco comprometido e as empresas têm nessa falta de comprometimento seu maior problema. Sabendo disso e se empenhando para amenizar essa situação, a empresa de iluminação Tamanduá, em Curitiba (PR), solicitou à prefeitura que fornecesse um alvará de montador e operador de luz e todos os técnicos da empresa não vão para a estrada sem esse alvará. Através desse documento ele é reconhecido como técnico montador e o responsável pelo material que está carregando. Você entrega seus equipamentos para um free lance e às vezes nem sabe quem ele é. Acabou aquele romantismo na iluminação. Além desse alvará, todo técnico free lance da Tamanduá assina um contrato de responsabilidade. Se todo equipamento que ele levou voltar em perfeitas condições, além do cachê, ele recebe um bônus. Levando em consideração a nossa região (Curitiba e adjacências), isso funciona", diz Beto, há mais de 30 anos no mercado de iluminação da região sul do Brasil.

O que mudou no mercado de iluminação

A abertura da importação e a carência de cursos de formação conduziram a qualificação para o campo prático, assunto que já foi abordado por alguns entrevistados. Carlos Bandarra levanta essa questão, comentando que hoje estão surgindo cursos para formação de técnicos e iluminadores, mas vai demorar um tempo até essas certificações definirem outro critério de qualificação.

O lighting designer Osvaldo Perre-noud (RS) ressalta que, com a evolução dos equipamentos, a luz passou a ter um 'poder de fogo' maior e equilibrou-se a relação luz x cenografia. "Antigamente, muitos cenógrafos assinavam a luz. Hoje em dia, muitos iluminadores, volta e meia, assinam cenografia. A tecnologia empregada parece profissionalizar a função, mas acredito que isto seja só aparência, pois há um desnível muito grande entre os profissionais, alguns com baixíssimo nível de conhecimento de base, mas com altíssimo conhecimento da tecnologia, e vice-versa", opina Osvaldo, que entre outros trabalhos, fez direção de arte no clipe da música "Ao meu redor", da banda Nenhum de Nós, que foi premiado no MTV Awards, em Los Angeles.

Quando o conhecimento acadêmico é necessário

Conhecimento de mesas computadorizadas, moving lights, capacidade de comando, ética e comportamento adequados ao local e à equipe de trabalho são itens indispensáveis. Mas e o conhecimento acadêmico? Como ele pode interferir na vida do profissional?

Segundo Marcos Olívio, somente a qualificação teórica não dá condições suficientes para o indivíduo corresponder às demandas do mercado. Ele observa que a formação acadêmica é um caminho, mas

ainda acredita no profissional autodidata, que se interessa constantemente em aprender mais. "A própria competitividade do mercado exige um profissional com domínio de uma linguagem visual mais aprimorada. Fiz faculdade de artes plásticas, mas não concluí. No entanto, percebo que meus trabalhos ganham em qualidade à medida que eu frequento museus, galerias, cinema, etc", diz.

Paulo César Medeiros, há 22 anos no mercado de iluminação, fez faculdade de comunicação e de artes cênicas na cadeira de direção e acha extremamente necessário o pensamento acadêmico para o fortalecimento de uma área profissional. "É aí que as grandes questões são levantadas, debatidas e desenvolvidas. É com pensamento acadêmico que daremos à iluminação o valor que ela realmente possui".

Luiz Nobre é a favor de mudanças no modelo e no conteúdo de oficinas dirigidas à iluminação. "Nos últimos dez anos criaram no Brasil um status de elite para o iluminador. Então, tem muito curioso nessa área, e acho que cursos de formação podem peneirar essas pessoas. A nossa intenção é ter um curso de iluminação que seja reconhecido pelo MEC e que ofereça muito mais que uma simples cadeira no curso de teatro, bem diferente também de algumas oficinas que ao final acabam sendo uma apresentação pessoal de quem está palestrando", opina Luiz Nobre.

Djalma Amaral valoriza o aprendizado na estrada se o iluminador não se esquecer que o processo de criação é mais importante do que uma iluminação exagerada e que não diz nada. "Passando pela academia, ele vai pensar de uma forma diferente, mas vale a pena ressaltar que não adianta passar por cursos de graduação em cinema, arquitetura e no final das contas não saber criar nada".



Responsabilidade técnica é o mais importante para Luiz Nobre

Segundo seu conhecimento acadêmico, José Henrique Moreira, professor de iluminação cênica na cadeira de teatro na UFRJ, explica que a iluminação cênica se desenvolveu de diferentes formas e acompanhou tendências diferentes. Nos Estados Unidos existem cursos de formação tanto em graduação como pós-graduação em iluminação, porque lá toda a atividade de teatro foi difundida com a expansão das universidades, consequência do sistema de ensino e do próprio desenvolvimento do teatro naquele país. Ao contrário da Europa, onde não existe necessidade de status de ensino superior. "Na minha opinião, não há nenhum demérito no ensino de luz no Brasil pelo fato de agora ele não ser de nível superior. A falta que existe no Brasil é de formação institucional. Acredito que, em termos de níveis de ensino, não é um nível superior só que vai resolver o problema de qualificação no nosso meio.

Alguns acham que sim, mas particularmente acho que ainda não seja o momento para se estabelecer um bacharelado em artes cênicas com habilitação em iluminação cênica em um país onde boa parte das pessoas que se iniciam nessa profissão não possuem ensino médio. Estaremos sendo excluídos. Essa mudança tem que estar inserida em uma programação da educação brasileira. Agora, quanto à necessidade urgente de haver programas de formação nos diversos níveis, não tenho dúvida nenhuma", finaliza José Henrique.

